

**A HIPÓTESE ESPANTOSA  
DE C.G. JUNG**

## **Ficha Técnica**

**Autores:** João Carlos Major, Luís Saraiva,  
Armando Nascimento Rosa,  
Concha Pazo; Domingos Ferreira;  
Juliana Estevez; Marta Oliveira;  
Romão Araújo

**Título:** *A Hipótese Espantosa  
de C.G. Jung*

**Data:** Abril de 2012

**Edição:** 1.<sup>a</sup> edição

**Cidade:** Braga

**Depósito Legal:** 343257/12

**Edições SAPIENTIAE**  
sapienciae@mail.telepac.pt

**Execução Técnica:**  
Departamento Gráfico das Edições SAPIENTIAE

**Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por qualquer processo, incluindo a fotocópia, sem autorização por escrito do editor.**

**João Carlos Major, Luís Saraiva,  
Armando Nascimento Rosa, Concha Pazo,  
Domingos Ferreira, Juliana Estevez,  
Marta Oliveira, Romão Araújo**

**A HIPÓTESE ESPANTOSA  
DE C.G. JUNG**

SAPIENTIAE  
BRAGA — 2012

## - Da Dissociação à Individuação -

JOÃO CARLOS MAJOR

“C. G. Jung foi o renovador conservador de uma grande tradição. Na sua obra, a tradição ocidental e sobretudo romântica do inconsciente completam-se e aperfeiçoam-se. Na obra de Sigmund Freud, interligam-se, pelo contrário, o espírito revolucionário das ciências naturais modernas e a franqueza sem contemplanções de uma individualidade despojada de todo o consolo metafísico. Jung surge assim como o rebelde contra Freud e na verdade como representante de uma restauração científica enquanto Freud, o mentor conservadoramente activo da escola, desempenha o papel de um revolucionário, defensor aguerrido dos seus progressos” (Brumlik 2007: 15)<sup>1</sup>.

Com grande gosto, damos à estampa esta obra que pretende ser a primeira de uma série que pretende divulgar activamente o pensamento de Jung no nosso país. É tempo das noções semi-nais de Jung darem os seus frutos entre nós.

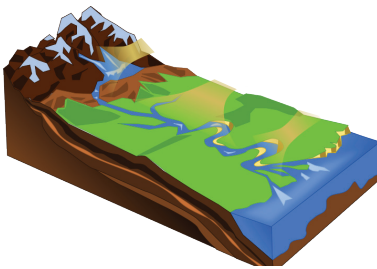
Entendemos que a Psicologia Analítica, que já não se limita a uma visão jungiana clássica mas que hoje se espraia numa fertilidade pós-junguiana, tem muito a contribuir para uma correcta compreensão do ser humano e para uma desejável e tão premente reunificação dos saberes. Psicologia, Filosofia, Antropologia, Sociologia, Teologia, Ciências Naturais... nada mais são que diferentes ângulos de visão de uma mesma e única realidade — ontologias regionais que convém federar numa visão de mais largo alcance. Atrevemo-nos a contribuir, com a nossa

---

<sup>1</sup>M. Brumlik (2007). “Jung no Centro do Mundo”. In M. Brumlik; F. Ribeiro. *Jung: A Consciência do nosso Eu*. Lisboa: Planeta Editora.

parte, para essa *compreensão*, essa reunificação (que bem pode ser entendida, também ela, como um “processo de individualização” da ciência e da cultura).

Na senda de Carl Gustav Jung (1875-1961), que foi aluno de Freud e mais tarde seu opositor, não deixaremos de dirigir palavras de apreço a todos aqueles que contribuíram e contribuem para uma visão *compreensiva* do humano. Com efeito, Jung jamais deixou de elogiar o seu antigo mestre. Desde cedo reconheceu que tanto Sigmund Freud (1856-1939) como também Alfred Adler (1870-1937) (outro antigo aluno que também veio a ser oponente de Freud), tinham razão; mas a tinham apenas em questões circunscritas: Freud em relação aos complexos de carácter sexual e o princípio do prazer<sup>2</sup> e Adler em relação aos complexos de inferioridade e correspondente vontade de poder. Carl Jung, contudo, entendia que a gênese dos problemas devia ser encontrada mais a montante, no sentido da nascente e não a jusante, no sentido da foz...



Ou seja, a etiologia das afecções psicológicas não devia ser procurada numa pretensa libido puramente sexual ou na vontade de poder, mas nos bloqueios de uma energia psíquica mais vasta e mais original.

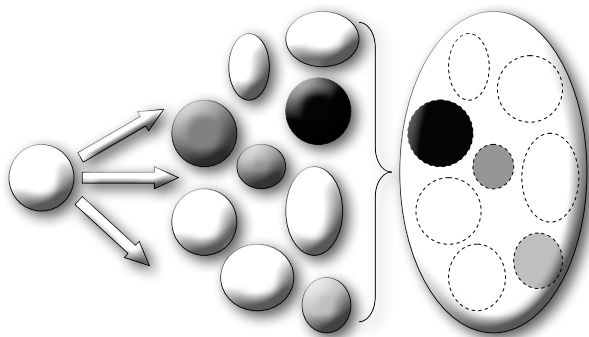
Os méritos de Freud são, todavia, indiscutíveis. Consciente disso, na obra de 1917, *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise*, Freud coloca-se a si próprio na linhagem de Copérnico (1473-1543) (que desenvolveu a teoria heliocêntrica do sistema solar, onde se defendia que era a terra que girava em volta do sol e não o sol à volta da terra; deixando, assim, a terra de ser

---

<sup>2</sup> Note-se que Sigmund Freud também não foi o pan-sexualista pelo qual foi tomado mais tarde. Freud estava consciente que, a par da sexualidade, existiam outras pulsões também importantes.

o suposto centro de todo o universo) e de Darwin (1809-1882) (que defendeu a teoria da evolução das espécies; deixando o homem de ser entendido como uma criatura criada por Deus tal e qual como o conhecemos hoje); continuando este processo de *desencantamento do mundo*, Freud defendeu que nós não somos senhores da nossa casa mental: o “eu” não é senhor em sua casa. O simples facto de se admitir a existência de processos inconscientes, implica o deitar por terra de toda a soberba da consciência humana e da sua pretensão de tudo controlar ou compreender. Não podemos estranhar, por conseguinte, o pensamento soturno e pessimista de Freud e de grande parte dos seus seguidores.

Jung, contudo, à luz da tradição das teorias românticas do inconsciente, coloca em posição central a processualidade de um sujeito uno na raiz de si mesmo e ao encontro gradual de si próprio — um sujeito que, à medida que vai tomando consciência de si (numa sequência previamente traçada e com sentido, em direcção a uma cada vez maior consciencialização e individualidade) e à medida que vai tomando consciência do confronto com a realidade que o levou a divisões e cisões internas, se (re-)unifica. Trata-se, pois, do chamado “processo de individuação”. Processo que nada tem a ver com *individualismo*, mas sim com uma integração de partes; do ponto de vista das neurociências, podemos comparar o processo à conexão de *redes neuronais* anteriormente dissociadas.



A individuação, conforme descrita por Jung, é um processo através do qual evoluímos de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência no sentido da integração das diversas instâncias psíquicas que se tenham diferenciado e desconectado entre si durante o processo de desenvolvimento, tais como a *persona*, a *sombra*, o *self*, etc. Jung entende que o atingir desse estado de consciência integrado e superior é a meta de desenvolvimento da psique e que as eventuais resistências ao desenvolver natural deste processo são uma das causas do sofrimento e da doença psíquica. Trata-se, pois, de um verdadeiro *re-encantamento do mundo*.

Em suma, o confronto entre Jung e Freud é o confronto entre a *concepção teleológica*, orientada para o futuro, das teorias românticas com a *interpretação segundo a causalidade*, orientada para o passado, das teorias racionalistas — dois modos de ver substancialmente diferentes...

Mas ainda que diferentes, importa ter sempre presente a perspectiva freudiana e o seu grande contributo para a psicologia como ciência e prática clínica, também no sentido de a podermos confrontar com o que tem de semelhante e diferente relativamente à perspectiva junguiana.

#### **FREUD E O INCONSCIENTE**

Freud foi bastante influenciado pela observação do seu colega Joseph Breuer (1842-1925) de que memórias que aparentemente estavam esquecidas voltavam à consciência num estado semi-hipnótico ou em verdadeira hipnose. Isto significava que essas memórias não estavam verdadeiramente esquecidas, embora estivessem, por qualquer motivo, inacessíveis à consciência.

Freud também foi muito influenciado por Hippolyte Bernheim (1837-1919), com quem estudou hipnose em Nancy. A sujeitos sob hipnose, Bernheim costumava sugerir que num momento posterior à hipnose fizessem coisas deste género: abrir um guarda-chuva na sala perante os presentes (há quem

costume chamar a isto de “sugestão pós-hipnótica”; o termo, contudo, é impróprio, pois a sugestão é feita durante a hipnose e apenas a execução da ordem é que é pós-hipnótica). Quando os indivíduos cumpriam a ordem que lhes fora dada em hipnose, Bernheim perguntava-lhes, de imediato, a razão daquele comportamento. Respondiam coisas deste tipo: “eu queria saber a marca do guarda chuva...” ou “parecia-me que estava a cair uma gota de água do tecto...” Ou seja, os sujeitos executavam o acto, mas não tinha consciência do motivo que os levou a cometer tal acto, ou do que, dentro deles, os movia no sentido dessa acção. Ao serem questionados pelas razões, a sua consciência forjava uma justificativa que lhes parecia ser a razão verdadeira, mas que de fato não era. A ideia de um inconsciente já estava clara para os hipnólogos que realizavam experimentos como esse, mas coube a Freud construir todo um novo paradigma baseado na realidade de uma instância psíquica distinta da vida consciente.

Foi igualmente muito importante para a construção desse novo paradigma o facto de Bernheim ter dito a um indivíduo hipnotizado que o atacasse passado certo tempo. Também este cumpriu a ordem que lhe fora dada sob hipnose. Bernheim perguntou-lhe por que razão procedia daquela forma. O homem respondeu que não tinha qualquer ideia a esse respeito. Mas, como Bernheim insistia e lhe repetia que tinha de saber o motivo do seu procedimento, o sujeito acabou por dizer: “Foi o senhor quem, há algum tempo, me ordenou que fizesse isto...”

Desta observação, concluiu Freud que a amnésia pós-hipnótica, isto é, a incapacidade de lembrar coisas sucedidas durante a hipnose, se o regresso à memória foi impedido por uma sugestão adequada, não é tão absoluta como seríamos inclinados a acreditar à primeira vista. Coisas que o indivíduo, aparentemente, não conhecia ou não podia conhecer, acabaram por ser conhecidas, embora, evidentemente, por uma maneira especial. Foi necessário certo esforço para as trazer à consciência, como se se tratasse de forçar uma barreira, antes que o indivíduo as recordasse.



No caso de Bernheim, tal barreira consistia na sugestão, feita ao cliente, de que ele não se havia de lembrar de nada que tivesse sido dito durante o estado de hipnose.

Daqui tirou Freud conclusões. A primeira foi que há, na memória do homem, coisas que não são acessíveis ao processo vulgar de evocação e que há, por assim dizer, graus de acessibilidade. A segunda conclusão foi que, para se poderem atingir estas inacessíveis profundidades da memória, não há necessidade de recorrer à hipnose, visto que Bernheim conseguiu vencer essa dificuldade por meio de um porfiado interrogatório. Assim, e no momento em que Freud abandonou a hipnose como método principal do estudo das perturbações nervosas, foi que nasceu a Psicanálise.

A Psicanálise foi, a princípio, um simples método. O seu próprio nome denota isso. Temos estado acostumados a falar da Psicanálise como de determinada espécie de Psicologia e como de uma teoria da natureza e do funcionamento do espírito humano. Mas o nome continua a ser ainda o nome de um método terapêutico. Foram, num segundo momento, as observações de Freud, e todas as dúvidas que se lhe puseram, que deram origem ao procurar pelas razões daquilo que Freud observava e o intrigava: era preciso formar uma ideia das várias espécies de memória ou conservação dos factos e era necessário encontrar a razão por que alguns eram facilmente lembrados, ao passo que outros só voltavam à consciência sob condições excepcionais. A solução desta segunda dificuldade envolvia, naturalmente, uma explicação dessas particulares condições que permitem a tais reminiscências a volta à consciência.

A especulação sobre a primeira questão levou à concepção do “inconsciente”; a segunda deu em resultado o aparecimento de noções como “repressão”, “censura”, etc.

A noção de inconsciente, como referimos, não era uma noção nova — durante muito tempo tinha desempenhado certo papel na psicologia e na filosofia. Embora a noção de “inconsciente” e também de “dinamismo” na vida mental fossem já conhecidas,

adquiriram um significado novo quando usadas por Freud como elementos fundamentais do seu corpo teórico. Freud combinou os seus conceitos de inconsciente e de memória com a noção de que o espírito é formado por diferentes “camadas”. Esta imagem foi-lhe sugerida pela obra do neurologista inglês Hughlings Jackson (1835-1911), ao qual foi buscar ainda outra noção, a de “regressão”, embora o velho termo adquira aqui outra vez um novo e particular significado.

Poderíamos continuar a enumerar mais uns quantos dados dos quais Freud deitou mão para formar o seu corpo doutrinário, mas tomar-se-ia moroso e desnecessário. Afinal, e tal como nas ciências, nas quais a biologia pressupõe a física e a química e assim sucessivamente, também Freud se serviu dos conhecimentos do seu tempo para os elevar e levar a um nível que jamais tinham tido. E é exactamente aí que o génio de Freud se manifesta: no exacto ponto de ter conseguido algo de novo partindo de fundamentos conhecidos.

### **A PALAVRA, VIA DE ACESSO AO INCONSCIENTE**

Um aspecto normalmente negligenciado na génese da psicanálise é o facto de Freud ter sido um semita<sup>3</sup>.

É sabido que Freud, fascinado pelas possibilidades que a hipnose abria, tal como era praticada pelos seus mestres, numa primeira fase começou por utilizar a hipnoterapia. Todavia demonstrou-se um mau hipnotizador e frequentemente deparava-se com o facto de o cliente “acordar” do estado hipnótico, frustrando, assim, todas as suas expectativas.

Desta forma, muito terá facilitado o abdicar da hipnose e o privilegiar da palavra dita em um estado bem mais consciente o facto dos semitas darem à “palavra” uma importância enorme. Para um judeu a palavra é eficaz. A palavra (*dabar*) tem uma acção “em si”, é portadora de energia.

---

<sup>3</sup>*Semitas*: o conjunto composto por uma família de vários povos, entre os quais se destacam os árabes e hebreus, que compartilham as mesmas origens culturais.

## ÍNDICE

Da Dissociação à Individuação <b>JOÃO CARLOS MAJOR</b>	7
O Arquétipo como Conceito Fundamental em Psicologia Analítica <b>LUÍS SARAIVA</b>	29
Eros y Transformación <b>CONCHA PAZO</b>	46
Sonhos <b>JULIANA ESTEVEZ</b>	64
A Espiritualidade em Jung <b>MARTA OLIVEIRA</b>	81
A Investigação em Psicologia Analítica <b>DOMINGOS FERREIRA</b> <b>ROMÃO ARAÚJO</b>	98
Theatre as Symbolic Enactment of the Struggle for Power: Reflections on <i>The Seagull</i> , by Anton Chekhov <b>ARMANDO NASCIMENTO ROSA</b>	125